



PESTES E EPIDEMIAS

ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
EM HUMANIDADES

Coordenadores: **Joaquim Pinheiro** | **Samuel Mateus** | **Mario Franco**

lúmus

PESTES E EPIDEMIAS

ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
EM HUMANIDADES

Coordenadores: Joaquim Pinheiro | Samuel Mateus | Mario Franco



TÍTULO

Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades

COORDENAÇÃO

Joaquim Pinheiro, Samuel Mateus & Mario Franco

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL DOS COORDENADORES:

Universidade da Madeira, Faculdade de Artes e Humanidades

ASSISTENTES EDITORIAIS

Adriana Teixeira, Ana Carina Figueira e Cátia Gouveia

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Marco Câmara | Gabinete de Comunicação e Marketing da Universidade da Madeira

© Edições Húmus, Lda e Autores, 2022

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

ISBN

978-989-755-754-5

DOI

<https://doi.org/10.34640/universidademadeira2022pinheiromateusfranco>

IMPRESSÃO

Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão

1.ª edição: Maio de 2022

Depósito Legal:

498121/22

Nota de edição

Nos textos em Língua Portuguesa, os Coordenadores do Volume respeitaram a ortografia seguida pelos Autores.

Todos os textos que integram este Volume foram submetidos a arbitragem científica

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME

Adélio Fernando Abreu, Universidade Católica Portuguesa

Alda Portugal, Universidade da Madeira

Ana Isabel Buescu, Universidade Nova de Lisboa

Ana Isabel Moniz, Universidade da Madeira

Andréa Maia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Catarina Rodrigues, Universidade dos Açores

Cristina Santos Pinheiro, Universidade da Madeira

Daniel Tércio Guimarães, Universidade de Lisboa

Eunice Ribeiro, Universidade do Minho

Gianfranco Ferraro, Instituto de Filosofia da Nova

Gisela Gonçalves, Universidade da Beira Interior

Ivo Furtado, Universidade da Madeira

Joaquim Paulo Serra, Universidade da Beira Interior

José Manuel Sobral, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Luísa Maria Paolinelli, Universidade da Madeira

Maria Cristina Almeida e Cunha, Universidade do Porto

Maria Filomena Andrade, Universidade Aberta

Paulo Osório, Universidade da Beira Interior

Rodrigo Gomes, Universidade de Coimbra

Vera Amorim, Instituto Politécnico de Lisboa

índice

- 9 Introdução
Joaquim Pinheiro, Samuel Mateus, Mario Franco
- 13 Descrições da peste na historiografia bizantina dos séculos XIV e XV
Rui Carlos Fonseca
- 27 A vulgarização do léxico da peste após a Peste Negra como testemunho de memória: o caso do Entre-Douro-e-Minho (Portugal)
André Filipe Oliveira da Silva
- 49 Peste, castigo e misericórdia no Funchal quinhentista: São Tiago Menor, padroeiro e rogador a Deus pelo povo da cidade
Nelson Veríssimo
- 61 “Evitar que o mal não padeça mais avante” – O Regimento da Saúde de D. João III e a experiência italiana de saúde pública
Edite Martins Alberto, Joana Balsa de Pinho
- 77 A Portuguese Treatise on the Plague: João Curvo Semedo’s *Tratado da Peste*
Gabriel A. F. Silva
- 91 Cólera e Carnaval em Porto Alegre (RS/Brasil) na segunda metade do século XIX
Caroline P. Leal
- 107 Santos: porto do café e das epidemias - experiências, cotidiano e imigração
Maria Izilda Santos de Matos, Bruno Bortoloto do Carmo
- 125 “Subsistências”: Carências e açambarcamentos alimentares durante a pneumónica de 1918 sob o olhar de um periódico local
Guida Cândido
- 139 Les récits de la peste comme mode de connaissance, de mémoire et d’identification
Chantal Louchet
- 155 Um Diário convertido em crónicas e um Jornal em forma de romance: as narrativas de pestilências de Daniel Defoe (1722) e Gonçalo M. Tavares (2020)
Ana Isabel Correia Martins

- 171 Paisagens pandêmicas na literatura:
não-fruição da paisagem sob estado sanitário de exceção
Fabiano Dalla Bona, Carolina de Castro Wanderley
- 179 O Fenómeno Semiológico das Máscaras em Contexto Pandêmico
Sara Inês Rodrigues Gaspar, Eduardo José Marcos Camilo, Rafaela Norogrande
- 195 As “Bexigas Negras” e os Museus Históricos
Rosa Henriques de Gouveia, Teresa Ferreira, Lina Carvalho, Carlos Robalo Cordeiro
- 203 Pessoas e organizações no quotidiano pandêmico:
uma construção social da realidade?
Pedro Eduardo Oliveira Ribeiro
- 219 O paradigma da peste: Índices de ruptura em situações de calamidade
Rodrigo Barros Gewehr
- 237 O *Ethos* patético e as campanhas de publicidade
“Thank you” durante a pandemia de SARS-COV-2
Samuel Mateus

« Tout le monde sait que les pestes ont une façon de se reproduire dans le monde, mais d'une manière ou d'une autre, nous avons du mal à croire en celles qui nous tombent sur la tête à cause d'un ciel bleu. Il y a eu autant de fléaux que de guerres dans l'histoire, mais toujours des fléaux et les guerres prennent les gens également par surprise ».

Albert Camus, *La Peste*

Descrições da peste na historiografia bizantina dos séculos XIV e XV^{*}

RUI CARLOS FONSECA^{**}

Resumo

A Peste Negra difundiu-se do Oriente para Ocidente, tendo afectado uma parte significativa das populações medievais de quase todo o mundo. Constantinopla, a capital do Império Bizantino, foi especialmente afligida por sucessivas vagas epidémicas ao longo dos séculos XIV e XV, muito devido à sua posição geográfica privilegiada e ao comércio marítimo com vários portos do Mediterrâneo. Apesar do grave impacto da doença e dos elevados índices de mortalidade, são muito poucas as descrições da peste na historiografia bizantina tardia. Os últimos séculos do império correspondem a um período conturbado da sua história, pelo que os historiadores dão preferência ao relato de acontecimentos políticos e militares, no contexto dos quais fazem referências breves à peste entre os Bizantinos. No século XV, Laonico Calcocondilas transmite informações pontuais sobre a origem, propagação e natureza letal da peste, no excursus sobre os Germanos. Antes dele, no século XIV, Nicéforo Grégoras e João Cantacuzeno descrevem o ambiente em Constantinopla sob os efeitos da peste de 1347 e 1348, informando sobre a disseminação geográfica, os sintomas, o estado de espírito dos cidadãos, as mortes ou eventual recuperação dos infectados, pondo sobretudo em evidência o carácter indomável da epidemia e a manifesta vulnerabilidade da população. Neste ensaio, apresento traduções portuguesas inéditas destes três historiadores, analisando as suas descrições da peste a partir dos dados históricos disponíveis e dos seus modelos literários.

Palavras-chave: Historiografia Bizantina, Constantinopla, Peste Bubónica, Sintomas.

* Este ensaio foi elaborado no âmbito do meu projecto de pós-doutoramento sobre literatura bizantina, financiado pela FCT—Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (SFRH/BPD/99542/2014).

** Universidade da Madeira, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
rui.fonseca@staff.uma.pt

Abstract

The Black Death spread from East to West, affecting a significant part of medieval populations around the world. Constantinople, the capital of the Byzantine Empire, was especially afflicted by successive epidemic waves throughout the 14th and 15th centuries, largely because of its privileged geographical position and maritime trade with various Mediterranean ports. Despite the severe impact of the disease and the high mortality rates, there are very few descriptions of the plague in late Byzantine historiography. The last centuries of the empire corresponded to a troubled period in its history, so historians prefer to report political and military events, in the context of which they make brief references to the plague among the Byzantines. In the 15th century, Laonikos Chalkokondyles conveys synoptic information about the origin, propagation and lethal nature of the plague, in the excursus on the Germans. Before him, in the 14th century, Nikephoros Gregoras and Ioannes Kantakouzenos describe Constantinople's state under the effects of the plague of 1347 and 1348, reporting on the geographic spread, symptoms, state of mind of citizens, deaths or eventual recovery of the infected, above all highlighting the indomitable nature of the epidemic and the manifest vulnerability of the population. In this essay, I present unpublished Portuguese translations by these three historians, analysing their descriptions of the plague from the available historical data and their literary models.

Keywords: Byzantine Historiography, Constantinople, Bubonic Plague, Symptoms.

Laonico Calcocondilas, oriundo de uma das famílias mais ilustres de Atenas do século xv, escreveu sobre a crescente supremacia do Império Otomano e o conseqüente declínio do Império Bizantino. As suas *Histórias*, organizadas em dez livros, contêm várias digressões com informação de natureza geográfica e etnográfica sobre povos do Ocidente e do Oriente. Na digressão sobre os Germanos, incluída no Livro II, Calcocondilas relata o seguinte:

Este povo é numeroso e está espalhado por muitas partes do mundo, em segundo depois dos Citas nómadas, de modo que, se tivesse uma mesma forma de pensar, sob o comando de um só chefe, seria invencível e de longe o mais poderoso. É um povo de muita saúde, visto que está situado sob a região ártica e em redor dela, sobretudo no meio das terras, do mar propriamente não se serve; é decerto o mais bem organizado dos povos, dentre os que conhecemos; nem é afligido pela peste, que devido à putrescência decorrente do ar, invadindo sobretudo os países do Oriente, aniquila uma parte significativa dos seus habitantes, nem é afligido por outras doenças muito frequentes entre nós que costumam visitar-nos amiúde sobretudo no Verão e no Outono, a ponto de morrer um grande

número de pessoas deste nosso povo, e nem sequer há tremores de terra, nenhum digno de nota. Mas chove nessa terra sobretudo no Verão.¹

Calcocondilas começa as suas *Histórias* com a pré-história dos Helenos, mas rapidamente se concentra nos acontecimentos decorridos entre finais do século XIII e meados dos anos 60 do século XV. O Livro II ocupa uma extensão temporal de onze anos, de 1389 a 1400, durante o sultanato de Bajazeto I, que sucedeu ao pai, o sultão Murade I, precisamente no ano de 1389. Ainda que sinóptico, o excuro sobre os Germanos apresenta elementos importantes sobre a peste entre os Bizantinos, nomeadamente no que respeita à sua origem, propagação e mortandade: a peste (λοιμός) vem das partes do Oriente (τοις έφοις), transmite-se através da sepsia do ar (υπό τής τοῦ άέρος σήψεως) e causa índices elevados de letalidade.

A Peste Bubónica, mais conhecida hoje em dia como Peste Negra, foi um dos acontecimentos pandémicos que mais influência exerceu na história da humanidade, representando, na verdade, um ponto de viragem no período final da Idade Média. A peste afectou o mundo bizantino em larga escala, entre 1347 e 1453, com uma incidência significativamente maior na capital do império. Devido à sua localização geográfica estratégica, uma ponte entre o Oriente e o Ocidente, Constantinopla foi uma das cidades mais afectadas por esta epidemia. O importante comércio marítimo, com rotas há muito estabelecidas entre os portos do Mar Egeu e tantos outros europeus, da Grécia e da Itália por exemplo, facilitou, sem dúvida, a propagação da doença, que terá assim viajado por mar de Este para Oeste². De acordo com os dados recolhidos por Tsiamis et al. (2011, p. 197, Tabela 1), o Império Bizantino foi afligido por nove grandes vagas epidémicas ao longo dos séculos XIV e XV (seis vagas durante o primeiro, três durante o século seguinte). Estas vagas tiveram uma duração mínima de um ano (a que ocorreu em 1435) e uma duração máxima de seis anos (a que durou de 1417 a 1423). Os mesmos autores registam também onze surtos locais entre 1368 e 1450, os últimos cinco desses surtos tendo ocorrido após a última grande vaga epidémica de 1435. Constantinopla foi a zona mais vezes afectada durante todo o período da epidemia.

O século da peste, entre meados de Trezentos e meados de Quatrocentos, corresponde a um período conturbado da história da Bizâncio medieval, quer em termos políticos, quer em termos militares, com guerras civis e lutas pelo trono, invasões dos Otomanos e revoltas de cidades italianas, apenas para referir alguns exemplos. Como Congourdeau (1993, p. 32) notou, a peste aparece como um elemento entre outros no contexto da derrota geral do império:

1 *Histórias*, II, p. 16. Tradução portuguesa inédita, da minha responsabilidade, feita a partir da edição de Kaldellis (2014).

2 Sobre o papel do comércio marítimo na propagação da peste pelo Império Bizantino, Eurásia e Mediterrâneo, vide Bartsocas (1966, p. 398); Miller (1975, p. 305); Nicol (1996, p. 95); Aberth (2005, pp. 2, 13-14); Tsiamis et al. (2011, p. 197).

La peste noire frappe Byzance à un moment particulièrement tragique de son histoire: son territoire s'effrite sous l'action des Turcs, des Slaves et des occidentaux; les guerres civiles, les soulèvements populaires, les famines et les tremblements de terre donnent à de nombreux Byzantins l'impression que Dieu a abandonné son peuple.³

A desordem pública que marca a vida dos Bizantinos e seus governantes, tanto na política interna como na política externa, acaba por secundarizar os efeitos da peste na historiografia bizantina. As descrições da epidemia, ou mesmo as referências à situação epidémica, pelos historiadores da época são, por isso, escassas, breves ou surgem no âmbito de acontecimentos históricos muito mais relevantes.

Além da escassez de narrativas sobre a peste entre os historiadores dos séculos XIV e XV bizantinos, as poucas a que temos acesso adaptam o estilo de modelos antigos, o que nos leva a questionar se tais mostras historiográficas não serão construções literárias mais do que relatos históricos fidedignos⁴. Tomando como exemplo o passo acima transcrito, ao afirmar que os Germanos são um povo muito saudável, Calcocondilas está, na verdade, a servir-se do que Heródoto já escrevera sobre os Líbios nas suas *Histórias* (IV, 187); e ao sugerir que seriam invencíveis e de longe os mais poderosos dos povos caso se unissem sob o comando de um único chefe, o mesmo autor adapta também palavras de Heródoto a propósito dos Trácios (V, 3)⁵. As *Histórias* de Calcocondilas, imbuídas na tradição da historiografia antiga, conjugam a estrutura adoptada na obra de Heródoto e o estilo usado na obra de Tucídides. Como o primeiro, o autor medieval relata extensivamente conquistas militares de povos orientais e enche a sua narrativa de digressões etnográficas. Como o segundo, escreve numa prosa austera, desprovida de descrições sensacionalistas, alusões mitológicas, linguagem metafórica e efrástica. De ambos, retira frases e expressões, reproduzidas de forma literal ou adaptada⁶. Calcocondilas tem sido considerado o “Heródoto medieval”, pois, ao contrário dos demais historiadores bizantinos, não escreve sobre o

3 Tsiamis et al. (2011, p. 194): “The 14th and 15th century could be characterized as the deathbed anxiety of an empire that is only a shadow of its glorious past.” Estangüi Gómez (2020, pp. 29-30): “Durant la première moitié du XIV^e siècle, Byzance connaît plusieurs conflits internes et est, en plus, menacé par de nombreux ennemis qui s'emparent d'une partie importante de son territoire (Ottomans, Serbes et Bulgares principalement). C'est sur un État déjà fortement affaibli que la peste frappe de plein fouet dès 1347.”

4 A escrita historiográfica bizantina é formada, por regra, por uma colecção de boas histórias. Cf. Scott (2010, pp. 252-253).

5 Kaldellis (2014, pp. 63, 256-257).

6 Sobre a influência de Heródoto e Tucídides nas *Histórias* de Calcocondilas, vide Kaldellis (2014, capítulo 2). Calcocondilas terá baseado a elaboração da sua obra sobretudo em fontes orais, sem deixar, porém, de consultar algumas fontes escritas de autores seus contemporâneos. Sobre essas fontes gregas medievais de que se serviu, vide Kaldellis (2012). Harris (2003) propõe que as *Histórias* de Calcocondilas poderão reflectir o contacto que o autor teve com os humanistas renascentistas e a tradição ocidental que remonta a Lívio e a Cícero.

império de Bizâncio, mas sobre a progressiva ascensão e triunfo dos Otomanos sobre os Bizantinos⁷. Por outro lado, este é um autor ateniense, tal como Tucídides, e, como ele, também refere essa proveniência na abertura da sua obra.

Dois historiadores destacam-se no contexto da historiografia bizantina por incluírem nas suas obras descrições importantes sobre a peste, concretamente sobre a primeira vaga epidémica que atingiu Constantinopla e outras regiões do império em 1347 e 1348. São eles Nicéforo Grégoras e João Cantacuzeno, ambos figuras proeminentes do século XIV. No que se segue, apresentarei traduções em português dessas duas descrições e analisá-las-ei do ponto de vista literário e dos seus modelos. Destacarei também os elementos que contribuem para o nosso conhecimento da peste entre os Bizantinos, como a origem, os meios de propagação e de transmissibilidade, os sintomas e os efeitos sobre as pessoas afectadas.

Nicéforo Grégoras, nascido nos anos 90 do século XIII, estudou em Constantinopla sob o patronato de Teodoro Metoquitas, de cujos filhos viria mais tarde a ser tutor. Por volta dos 30 anos, era já considerado um dos intelectuais mais importantes do seu tempo⁸. Dentre os textos que compõem no âmbito de vários domínios do saber, conta-se aquela que é considerada a sua obra principal, *História Bizantina* ou *História dos Romanos*, em 37 livros, que serviu de fonte a Calcocondilas para a elaboração das primeiras partes das suas próprias *Histórias*, no que respeita aos acontecimentos de inícios do século XIV⁹. Grégoras começa com o cerco de Constantinopla de 1204 pela Quarta Cruzada e continua a história dos Bizantinos até cerca de 1359, tendo deixado a obra inacabada com a sua morte em 1360. É no início do Livro XVI que o autor se refere à peste de 1347 e 1348, numa descrição não muito alongada, mas nem por isso irrelevante para o nosso conhecimento do ambiente que então se vivia:

Naquele tempo, uma enfermidade espalhou-se por entre as gentes, grave e pestilenta, tendo começado a partir dos Citas e da Meótida e das embocaduras do Tánais, precisamente no início da Primavera, e durou todo aquele ano, passando e destruindo igualmente apenas, para ser preciso, a zona costeira, cidades assim como terras, nossas e quantas nos são contínuas, até Gadeira e às colunas de Hércules. Quando chegou o segundo ano, passou também para as ilhas do Egeu. Depois atacou também os Ródios, bem como os Cipriotas e quantos habitam nas restantes ilhas. A doença infestou por igual homens e mulheres, ricos e pobres, velhos e novos; para o dizer de modo simples, não olhou a qualquer idade ou sorte. Ficaram esvaziadas numerosas casas completamente de todos os seus habitantes num único dia, ou por vezes em dois, ninguém a ninguém podendo dar auxílio, nem vizinhos, nem sequer familiares ou parentes de sangue. Não foram apenas os seres

7 Miller (1922, p. 38).

8 Neville (2018, p. 244).

9 Kaldellis (2012, pp. 740-750).

humanos decerto que a doença matou, fustigando dessa forma, mas também muitos animais de companhia e domesticados que viviam com aquelas pessoas. Refiro-me aos cães e aos cavalos e a todas as espécies de aves, e até a ratos que porventura vivessem nas paredes das casas. Os sinais pustulentos de tal enfermidade, prenunciadores da morte, eram os crescimentos tumorosos em torno das zonas onde começam as coxas e os braços, e ao mesmo tempo feridas sangrentas. Tais sintomas, por vezes no mesmo dia, aos infectados, sentados ou em movimento, apartavam rapidamente da vida presente. Foi nessa altura que Andronico, o mais novo dos filhos do imperador, morreu.¹⁰

Podemos distinguir, neste breve passo da obra de Grégoras, três núcleos principais de informação sobre a peste: origem, infestação na cidade e sintomas. O autor refere-se a este flagelo como “uma enfermidade, grave e pestilenta” (νόσημα βαρὺ καὶ λοιμῶδες), que começou nas populações asiáticas do sul da Rússia e rapidamente se propagou pelas regiões costeiras do Mediterrâneo até ao Estreito de Gibraltar. A peste percorreu, desse modo, segundo este historiador, toda a extensão litoral do continente europeu, do extremo oriental, partindo da zona eurasiática, ao extremo ocidental até à Península Ibérica. Grégoras desenha o mapa da peste traçando o seu itinerário com coordenadas geográficas precisas, ao mesmo tempo que situa os primórdios da epidemia no momento da chegada da Primavera de 1347 (ἤρος ἄρτι καθισταμένου). Foi no ano seguinte que a peste transpôs as fronteiras terrestres do continente e se alastrou pelas ilhas gregas e do Mar Egeu.¹¹

Após esta parte introdutória sobre o contexto espacial e temporal da peste, o autor passa a descrever os efeitos devastadores em Constantinopla e nos seus cidadãos, num ambiente decerto representativo do que aconteceria noutras cidades do império. De acordo com Grégoras, tal calamidade não discriminava ninguém em função do género, faixa etária ou extracto social, a todos atingindo de modo igual, “para o dizer de modo simples, não olhou a qualquer idade ou sorte” (καὶ ἀπλῶς εἶπεῖν, οὐδεμιᾶς οὔθ’ ἡλικίας οὔτε τύχης ἐφείδετο). Dada a vasta erudição e conhecimentos que possui em várias áreas do saber, Grégoras não segue necessariamente um modelo historiográfico neste seu breve relato sobre a peste. O conjunto da obra evidencia até uma tradição mais filosófica. De qualquer modo, nota Reinsch (2006, p. 774) que apenas a expressão οὐδεμιᾶς οὔθ’ ἡλικίας οὔτε τύχης ἐφείδετο faz lembrar palavras de Procópio: οὔτε φύσεώς τινος οὔτε ἡλικίας φεισάμενον (“não olhando a qualquer espécie ou idade”).

O ambiente vivido é de completa impotência para se evitar o contágio. Uma vez infectados, ninguém era capaz de prestar auxílio a ninguém (μηδενὸς μηδενὶ βοηθεῖν δυναμένου), visto que a peste actuava de forma massiva, a um ritmo incansável, sem

10 *História Bizantina*, XVI, 1. Tradução portuguesa inédita, da minha responsabilidade, a partir da edição de Schopen (1830), incluída na colecção *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae*.

11 Sobre o caso particular de Chipre, as consequências pesadas que a peste teve na demografia e na vida económica da ilha, vide Papacostas (2018, pp. 133-154).

qualquer hipótese de resistência, dizimando famílias inteiras num único dia ou dois no máximo (μᾶς ἡμέρας, ἢ καὶ δυοῖν ἐνίστε). Esta vaga imparável alastrava-se a todos e por todo o lado, a ponto de muitas das casas da cidade ficarem desabitadas, completamente vazias dos seus moradores devido ao morticínio provocado pela doença. Mas a peste não afectava apenas os humanos. Os animais de companhia, coabitantes do espaço familiar, e os animais de criação morriam igualmente sob os efeitos da peste. Grégoras menciona os cães, os cavalos, as aves e até os ratos.¹²

Na parte final do excerto em análise, vem descrita a sintomatologia da peste. Entre as marcas que o corpo infectado produz, registadas por Grégoras, contam-se pústulas ou sinais eflorescentes (σημεῖα ἐξανθοῦντα), crescimentos tumorosos em torno das articulações das pernas e dos braços (ὀγκώδης τε ἔκφυσις τις περὶ τὰς ἀρχὰς τῶν μηρῶν καὶ τῶν βραχιόνων) e feridas cobertas de sangue (αἱματώδης φθόη). Estes são sintomas fatais que antecedem a morte das pessoas contagiadas, surgindo muitas vezes no próprio dia em que perdem a vida.

Por fim, Grégoras identifica um membro da família imperial como uma das primeiras vítimas a sucumbir à peste em Bizâncio. Trata-se de Andronico Cantacuzeno¹³, o filho mais novo de João VI Cantacuzeno, co-imperador entre 1341 e 1347 com João V Paleólogo, depois imperador até 1354. Tendo alcançado o poder mediante um golpe militar e no seguimento de uma guerra civil, João VI Cantacuzeno foi forçado a abdicar por pressão de João V Paleólogo, que lhe sucedeu, e a abraçar a vida monástica. Foi nesse período de reclusão, nos finais dos anos 60, que o ex-imperador terminou a sua *História*, em quatro livros, nela registando os acontecimentos da vida política e militar ocorridos entre 1320 e 1356. A obra funciona como apologia ou memórias, em que o autor procura justificar as acções que tomara enquanto imperador, como a aliança que estabelecera com os Turcos para ganhar a guerra civil. A *História* de João Cantacuzeno é, por isso, no conjunto da historiografia bizantina, a única obra que nos chegou escrita por um imperador acerca dos anos da sua governação¹⁴. Seja como for, não deixa de ser uma fonte de importância reconhecida para o estudo do império no século XIV¹⁵. É no Livro IV, quando conta que a sua esposa, Irene, regressa a Constantinopla e encontra o filho mais novo vítima da peste, que Cantacuzeno se detém a fazer o retrato da epidemia na cidade.

12 Reinsch (2006, p. 775) destaca a presença dos animais neste passo da *História Bizantina* de Grégoras, o único historiador antigo a referir os ratos em contexto de peste: “unlike any other historian, classical or Byzantine, Gregoras mentions not only dogs, horses, and poultry in this context, but also rats, which, according to modern scientific findings, are the main hosts for the fleas that transmit the plague bacillus to humans.” Sobre os efeitos da peste nos animais, vide também a breve referência em Papacostas (2018, p. 149).

13 Para informações biográficas de Andronico Cantacuzeno, consultar o verbete em Nicol (1968, p. 129).

14 Nicol (1996, p. 1); Neville (2018, p. 266).

15 Kazhdan & Sorlin (1980, p. 279). Sobre a vida de João Cantacuzeno, enquanto político e imperador, monge e historiador, vide Parisot (1845) e Nicol (1996).

Quando chegou a Bizâncio, encontrou Andronico, o mais novo dos filhos, morto pela peste invasora de então, que, tendo começado primeiro a partir dos Cítas Hiperbóreos, atacou quase toda a costa da terra habitada e matou a maior parte dos seus habitantes. Pois não atravessou apenas o Ponto, a Trácia e a Macedónia, mas também a Hélade, a Itália e todas as ilhas, o Egipto, a Líbia, a Judeia e a Síria, e percorreu quase todo o mundo. De tal modo era invencível o mal, que nem dieta nenhuma nem força do corpo eram capazes de lhes resistir. Na verdade, todos abatia por igual, tanto corpos vigorosos como enfermos, e os que eram mais bem tratados morriam igualmente como os pobres. Aquele ano não tinha, pois, quaisquer outras doenças ou enfermidades. Se alguém já padecia de alguma, sucumbia sempre àquela doença, e nem arte alguma dos médicos bastava, nem a doença era igual em todos; uns nem sequer resistindo um pouco morriam logo no mesmo dia, outros, até na mesma hora. Quantos resistissem dois ou três dias eram primeiro dominados por uma febre bastante intensa, uma vez que a doença lhes atacava a cabeça; ficavam afónicos e inconscientes a tudo o que sucedia, como se tivessem caído num sono profundo. Se porventura recuperassem a consciência, queriam falar, mas a língua era-lhes difícil de mover e emitiam muitos sons inarticulados, pois os nervos em torno do íonion estavam em necrose, e eles morriam rapidamente. Noutros, o mal não atacava a cabeça, mas o pulmão, e logo havia inflamação lá dentro, que causava dores agudas em torno do peito. Expeliam saliva injectada de sangue e uma respiração anormal e fétida do interior. A garganta e a língua secas pelo calor ardente estavam negras e ensanguentadas. Com muita ou pouca bebida, cada pessoa definhava por igual. A privação de sono oprimia sempre e a privação de forças era constante em todo o corpo. Nas zonas superiores e inferiores dos braços, em não poucos também nos maxilares, e noutros noutras partes do corpo, nasciam abscessos; nuns eram maiores, noutros, menores, e cresciam bolhas negras. Noutros, por exemplo, manchas negras irrompiam por todo o corpo: nuns eram escassas e mais diáfanas, noutros, mais escuras e densas – todos morriam igualmente de todos os sintomas. Na verdade, nuns sobrevinham todos os sintomas, noutros eram mais ou menos numerosos, mas em não poucos até um dentre esses todos bastava para causar a morte. Dentre os muitos infectados, os poucos que tinham sido capazes de escapar não eram mais tomados pelo mesmo mal, mas ficavam em segurança desde então, pois a doença não atacava duas vezes para matar. Formavam-se abscessos grandes nas coxas ou nos braços; depois que eram cortados, efluía uma gangrena fétida e abundante, e a doença era assim separada, repelida a matéria afectada. Muitos, porém, mesmo tomados por todos os sintomas, contra toda a expectativa, eram salvos. Mas não havia nenhuma ajuda de nenhuma parte: alguém levava um remédio proveitoso para um; esse mesmo para outro paciente em condições iguais tornava-se veneno. E havia quem, por causa do tratamento prestado a outro, ficasse infectado com a doença. Isso causava uma grande destruição, e muitas casas ficaram esvaziadas dos seus habitantes, os animais tendo morrido juntamente com os seus donos. Mas o mais terrível era o desânimo. Quando alguém se sentia doente, nenhuma esperança de salvação restava; mas antes aqueles que se viravam para o desespero deixavam-se ir abaixo e

morriam logo, por terem agravado o grande peso da doença com o estado de desânimo. Realmente, tal aspecto da doença era mais forte do que qualquer palavra. Daí se pode mostrar, sobretudo, não ser congénita nem conveniente à natureza humana, mas algo diferente enviado por Deus aos homens para purificação. Muitos se tornaram melhores nas suas almas depois de terem sido purificados, não apenas os que haviam morrido, mas também quantos sobreviveram à doença. Assim, abstiveram-se de toda a maldade naquele tempo e dedicavam-se a acções virtuosas. Muitos repartiam os seus bens pelos pobres antes até de a doença ter caído sobre eles. Se porventura alguma vez se sentissem doentes, ninguém havia que fosse assim tão insensível, que não mostrasse arrependimento das faltas cometidas e que não apresentasse um propósito lá no juízo final de vir a ser salvo por Deus, se não fosse completamente incurável e insanável a sua alma. Devido a esta doença, um grande número de pessoas morreu então em Bizâncio, e Andronico, o filho do imperador, tendo caído enfermo faleceu ao terceiro dia.¹⁶

João Cantacuzeno faz uma descrição mais pormenorizada e completa da peste em comparação com o relato de Nicéforo Grégoras, seu contemporâneo. Na verdade, o ex-imperador escreve na qualidade de testemunha directa dos acontecimentos narrados. Ao referir-se à morte do filho, Cantacuzeno informa sobre a proveniência da peste que chegou a Constantinopla: teve início entre os Citas do Norte; atravessou várias terras da Ásia, Norte de África e Europa incluindo as ilhas; atacou quase toda a costa mediterrânica dizimando a esmagadora maioria dos seus habitantes até cercar “quase todo o mundo” (πᾶσαν σχεδὸν τὴν οἰκουμένην). A peste terá, desse modo, começado como endémica, estando confinada a uma determinada região, e evoluiu para pandémica, difundindo-se em larga escala pelo mundo (cf. Aberth, 2005, p. 2). Cantacuzeno começa por se reportar à “peste invasora” (τοῦ ἐνσκήψαντος λοιμοῦ) daquele ano. Ao longo da descrição, porém, a ela se refere ora como “mal” (τὸ κακόν, três vezes), ora simplesmente, mas com mais frequência, como “doença” (τὸ νόσημα, quatro vezes; ἡ νόσος, cinco vezes).

De seguida, numa breve caracterização do ambiente epidémico na cidade e do grau de letalidade entre a população, Cantacuzeno contrasta a manifesta vulnerabilidade dos infectados com a declarada invencibilidade da peste. Ninguém era capaz de lhe resistir, qualquer que fosse o porte físico, o regime alimentar ou a situação económica que tivesse. Todos encontravam o mesmo fim. Esta doença superava todas as restantes, a ponto de o autor afirmar que, nesse tempo, quem sofresse de outras enfermidades acabaria sempre por ser atingido pela peste. A medicina do tempo não era suficiente para a combater, até porque a doença não actuava de modo igual em todas as pessoas, a umas matando no próprio dia (αὐθημερόν) em que a infecção se dava,

16 *História*, IV, 8. Tradução portuguesa inédita, da minha responsabilidade, a partir da edição de Schopen (1832), incluída na colecção *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae*.

a outras, na mesma hora (αὐθωρόν), mostrando desse modo um “comportamento errático” (Congourdeau, 2020, p. 37).

Na sua descrição dos sintomas, Cantacuzeno distingue duas formas principais da peste, a bubónica e a pneumónica. O historiador não chega a designar, pelo menos directamente, os sinais mais característicos da doença, aqueles que, aliás, lhe deram o nome, os bubões (o termo βουβῶνες não figura em nenhum dos três passos da historiografia bizantina analisados neste ensaio). Dos sintomas mais comuns, o ex-imperador refere febre alta (πυρετῶ λαβροτάτῳ), afonia (ἀφωνία), letargia (ἀναισθησία [...] πρὸς ὕπνον βαθύν), deterioração dos nervos em torno do osso occipital (τῶν περι τὸ ἰνίον νεύρων νεκρωθέντων), e ainda abscessos (ἀποστάσεις), bolhas negras (μέλαινα φλυκτίδες) e manchas negras (στίγματα μέλανα). De acordo com este testemunho, os abscessos – sinais que podem, de facto, sugerir a presença implícita dos bubões nos infectados – surgem nos braços, nas coxas, nos maxilares ou noutras partes do corpo. Tais observações estão em conformidade com a ficha clínica da doença conhecida hoje em dia, que regista a inflamação dos gânglios linfáticos sobretudo junto do pescoço, axilas e virilha. Cantacuzeno oferece também uma imagem impressionante do estado de decomposição do corpo humano ao informar sobre práticas adoptadas no tratamento de abscessos grandes: ao serem removidos “efluía uma gangrena fétida e abundante” (σφάκελλος ἐξέρρει δυσώδης καὶ πολύς), e desse modo a matéria afectada era separada do resto do corpo. As manchas negras, por outro lado, dependendo das circunstâncias da infecção e do estado das vítimas, podem aparecer em quantidade variada, de exíguas a numerosas, e com diferentes graus de opacidade, do mais translúcido ao mais escuro. Estas características das manchas vêm indicadas textualmente numa disposição em quiasmo: τοῖς μὲν ἀραιά τε καὶ διαφανέστερα, τοῖς δ’ ἀμυδρότερα καὶ συνεχῆ.

A peste ataca também o sistema respiratório. Há inflamação (φλόγωσις) nos pulmões, de modo que as pessoas infectadas sentem dores agudas na zona do peito (δριμείας ἀλγηδόνας περι τὰ στήθη), cospem sangue (ὑφαιμον πτύελον), exalam um odor atípico e fétido (πνεῦμα ἄτοπον καὶ δυσῶδες); a secura ardente compromete a garganta e a língua, que assim ficam negras e ensanguentadas (μέλαινα καὶ αἱματώδη). Do conjunto de sintomas que oprimem as vítimas, o historiador menciona ainda insónia (ἀγρυπνία) e fraqueza (ἀπορία). A vertente pulmonar da doença revela ser deveras mais grave entre os infectados. Uns eram afligidos por muitos dos sintomas mencionados, dos bubónicos aos pneumónicos, outros, apenas por alguns. Mas o facto é que até uma dentre essas marcas da doença poderia mostrar-se fatal.

No contexto de tão grande mal causador de uma mortandade vertiginosa – doença “implacável e brutal, que apareceu de repente e deixa a razão humana desamparada” (Congourdeau, 2020, p. 36) –, Cantacuzeno assinala duas situações inesperadas: os doentes que padecem de todos os sintomas podem, ainda assim, recuperar; e os poucos que sobrevivem ganham imunidade pois a peste não lhes é fatal numa segunda vez.

Apesar de o testemunho do ex-imperador incluir dados rigorosos do ponto de vista clínico sobre a peste de 1347 e 1348, o facto é que o texto segue o modelo literário de Tucídides, que, no Livro II da sua *História da Guerra do Peloponeso*, descreve uma peste que atingiu os Atenenses no ano de 430 a. C. Sabe-se, no entanto, que essa epidemia, de origem viral, não era a peste bubónica¹⁷, o que leva a que uma informação transmitida pelo autor bizantino seja inexacta. Ao declarar que a recuperação confere ao sobrevivente da Bizâncio medieval defesas excepcionais para combater uma eventual nova investida da peste, Cantacuzeno repete Tucídides:

καὶ αὐτοὶ ἤδη ἐν τῷ θαρσαλέῳ εἶναι· δις γὰρ τὸν αὐτόν, ὥστε καὶ κτείνειν, οὐκ ἐπελάμβανεν.
(Tucídides, II, 51, 6)

estavam confiantes na imunidade. De facto, a doença não atacava ninguém duas vezes, a ponto de matar.¹⁸

ἀλλ' ἐν τῷ θαρσαλέῳ ἦσαν ἤδη. δις γὰρ οὐκ ἐπελάμβανεν, ὥστε καὶ κτείνειν· (Cantacuzeno, IV, 8)

mas estavam confiantes na imunidade, pois a doença não atacava duas vezes, a ponto de matar.

A afirmação é válida para a doença viral reportada por Tucídides, não para a peste, de origem bacteriana, de que Cantacuzeno dá conta. Miller (1976, p. 391) assevera que o autor bizantino é induzido em erro pelo arquétipo antigo de que se serviu. Os doentes que conseguem recuperar da peste bubónica alcançavam, efectivamente, algum grau de imunização, mas as reincidências eram até frequentes, pelo que Cantacuzeno, a par das semelhanças encontradas na fonte antiga, poderá ter generalizado a partir de algum caso particular observado.

A descrição da peste entre os Bizantinos feita por Cantacuzeno é muito devedora da descrição da peste entre os Atenenses feita por Tucídides. São várias as frases que o autor medieval reproduz literalmente ou adapta do autor antigo. Tendo em conta que ambos se reportam a pestes diferentes, poderemos perguntar se os sintomas referidos na *História* do ex-imperador, testemunha presencial do flagelo que descreve, serão exactos do ponto de vista clínico e espelham a realidade efectivamente observada, ou se serão o resultado do processo de imitação e adaptação literária dos modelos seguidos. Miller (1976, pp. 393-394) conclui com segurança: “Cantacuzenus’ plague description clearly has escaped distortion despite heavy borrowing from Thucydides.” São nove os passos emprestados de uma obra para a outra, cinco dos quais sobre aspectos contextuais, em

17 Variola, sarampo e febre tifóide contam-se entre as hipóteses apontadas para a doença de Atenas em 430 a. C. Sobre o assunto, vide a bibliografia indicada por Miller (1976, notas 6 e 7).

18 Tradução de Fernandes & Granwehr (2010).

nada relacionados com as características físicas ou os efeitos biológicos da peste; dos restantes quatro passos, esses descritivos dos sintomas, uma única inexactidão é denunciada por Miller, a propósito da imunidade dos doentes que recuperam¹⁹. Apesar das incoerências pontuais, os críticos, como Kazhdan & Sorlin (1980, p. 283) por exemplo, são unânimes em reconhecer o mérito retórico e literário de Cantacuzeno, bem como a utilização competente que faz de Tucídides para descrever a realidade bizantina do século XIV. Também Reinsch (2006, p. 776) não tem dúvidas em afirmar que: “Although he borrows some phrases from Thucydides for the description in general and for the names of the symptoms in particular, his presentation as a whole remains independent of the host author. The description of the typical symptoms of the plague, the purulent inflammation of the lymph nodes and—in the pneumonic variant—the bloody discharge, are obviously the work of someone who has seen all this at first hand.”

Apesar dos mais afortunados que foram capazes de resistir, o autor bizantino insiste no carácter inegavelmente devastador da peste: enfatiza a arbitrariedade de qualquer remédio administrado, o mesmo mostrando-se benéfico para uns, mas venéfico para outros; observa que o tratamento prestado aos infectados podia resultar na transmissão da doença aos cuidadores²⁰; e noticia, à semelhança de Grégoras, o total esvaziamento das habitações dos seus moradores humanos e animais. O estado de atimia (ἡ ἀθυμία) que dominava entre a população agravava ainda mais “o grande peso da doença” (μεγάλην ῥοπὴν τῷ νοσήματι). Muitas das pessoas infectadas, afastada qualquer esperança de salvação, morriam mais rapidamente devido ao sentimento de exasperação profunda em que se deixavam cair. O desespero era tal, diz Cantacuzeno, que não havia palavras para descrever essa forma da peste.

Na última parte deste retrato da epidemia entre os Bizantinos, o historiador-monge afirma que o flagelo não tem origem humana, mas divina, pois trata-se de um castigo enviado por Deus para purificação (πρὸς σωφρονισμόν) da humanidade, ou seja, para sanção dos seus pecados. Na verdade, a peste tem um efeito moralizador entre os homens: muitos se tornam pessoas melhores, tanto vítimas mortais como recuperados; passam a dedicar-se a acções piedosas ajudando os necessitados e abstendo-se de toda a maldade; todos mostram arrependimento das faltas cometidas, a ponto de desejarem a salvação eterna na hora do juízo final. Congourdeau (1993) problematiza as origens da peste com base em fontes literárias da Antiguidade tardia até ao final do período bizantino

19 Os passos de Tucídides que Cantacuzeno toma de empréstimo para a sua descrição da peste estão concentrados nos capítulos 49-51 do Livro II da *História da Guerra do Peloponeso*. Vide Miller (1976, pp. 389-391). Sobre o uso de Tucídides enquanto modelo literário na *História* de Cantacuzeno, vide também Bartsocas (1966, pp. 397-398); Miller (1975, pp. 306-307); Hunger (1976); Kazhdan & Sorlin (1980); Congourdeau (1993, p. 32); Nicol (1996, pp. 93, 147); Aberth (2005, p. 34); Reinsch (2006, pp. 775-776); Kennedy (2018, p. 630).

20 Miller (1975, p. 307) comenta a observação de Cantacuzeno sobre a natureza contagiosa da peste bubónica, à luz das informações transmitidas por Tucídides e Procópio.

(das fontes teológicas e litúrgicas às médico-científicas e historiográficas), distinguindo entre causas naturais (em consequência da corrupção do ar) e causas espirituais (como flagelo enviado por Deus para correcção). A autora observa que a descrição feita por Cantacuzeno segue as convenções literárias; destaca o carácter imprevisível e paradoxal da doença; e assegura que “La première lecture de la peste noire par les Byzantines est en effet une lecture purement spirituelle” (p. 32), sendo sobretudo veiculada nas homilias e pelos padres que tentavam reconfortar os seus fiéis desse terror sagrado²¹. De facto, imersos num ambiente de grande prostração e desespero, os Bizantinos viravam-se para Deus e a Igreja, procurando ser merecedores da graça divina mediante práticas de castidade, filantropia e devoção religiosa (cf. Bartsocas 1966, p. 399).

Cantacuzeno termina o episódio da peste da mesma forma como o iniciou, recordando a morte do filho Andronico. O mesmo acontecimento encerra também o breve relato de Grégoras. Os dois historiadores, um eminente intelectual e um ex-imperador em reclusão monástica, dão conta do ambiente vivido em Constantinopla durante a vaga epidémica de 1347 e 1348. As informações transmitidas, de teor geográfico, clínico, social e religioso, representam um contributo por demais evidente para a história da Peste Negra no final da Idade Média. A descrição dos sintomas, ora baseada na tradição literária ora na observação directa, corresponde, com alto grau de precisão, ao registo clínico que hoje se conhece desta doença, que afectou gravemente o Império Bizantino, mas também todo o Mediterrâneo, Europa e outras partes do mundo, pelo que se conta entre as pandemias mais letais do mundo antigo.

Bibliografia

- Aberth, J. (2005). *The Black Death: The Great Mortality of 1348–1350. A Brief History with Documents*. Palgrave Macmillan.
- Bartsocas, C. S. (1966). Two Fourteenth Century Greek Descriptions of the “Black Death”. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 21 (4), pp. 394-400. <http://www.jstor.org/stable/24621866>
- Congourdeau, M.-H. (1993). La société Byzantine face aux grandes pandémies. In E. Patlagean (ed.), *Maladie et Société à Byzance* (pp. 21-41). Centro Italiano di Studi sull’alto Medioevo.
- Congourdeau, M.-H. (2020). Chrétiens de Byzance au défi de la Peste noire. *Boletín de la Sociedad Española de Bizantinística*, 35, pp. 35-48. <https://drive.google.com/file/d/1Fpd2vdwpmxrG9ZmtTh4afLBTQRwfiXar/view>
- Estangüi Gómez, R. (2020). L’impact de la maladie dans un monde en crise. Le cas de Byzance au temps de la peste noire. *Boletín de la Sociedad Española de Bizantinística*, 35, pp. 28-34. <https://drive.google.com/file/d/1Fpd2vdwpmxrG9ZmtTh4afLBTQRwfiXar/view>
- Fernandes, R. M. R., & Granwehr, M. G. (trads.). (2010). *Tucídides. História da Guerra do Peloponeso*. Fundação Calouste Gulbenkian.

21 Cf. Congourdeau (2020, pp. 41-47).

- Harris, J. (2003). Laonikos Chalkokondyles and the rise of the Ottoman Turks. *Byzantine and Modern Greek Studies*, 27, pp. 153-170. doi:10.1179/byz.2003.27.1.153
- Hunger, H. (1976). Thukydides bei Johannes Kantakuzenos, Beobachtungen zur Mimesis. *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinistik*, 25, pp. 181-193.
- Kaldellis, A. (trad.). (2014). *The Histories. Laonikos Chalkokondyles* (2 vols.). Harvard University Press.
- Kaldellis, A. (2012). The Greek Sources of Laonikos Chalkokondyles' *Histories*. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, 52 (4), pp. 738-765. <https://grbs.library.duke.edu/article/view/14641>
- Kazhdan, A. P., & Sorlin, I. (1980). L'histoire de Cantacuzène en tant qu'œuvre littéraire. *Byzantion*, 50 (1), pp. 279-335. <https://www.jstor.org/stable/44170619>
- Kennedy, S. (2018). A Classic Dethroned: The Decline and Fall of Thucydides in Middle Byzantium. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, 58 (4), pp. 607-635. <https://grbs.library.duke.edu/article/view/16144/7186>
- Miller, T. S. (1975). *The History of John Cantacuzenus (Book IV): Text, Translation, and Commentary* [Ph.D. dissertation]. Catholic University of America.
- Miller, T. S. (1976). The Plague in John VI Cantacuzenus and Thucydides. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, 17(4), pp. 385-395. <https://grbs.library.duke.edu/article/view/7991/4821>
- Miller, W. (1922). The Last Athenian Historian: Laonikos Chalkokondyles. *The Journal of Hellenic Studies*, 42 (1), pp. 36-49. <https://doi.org/10.2307/625934>
- Neville, L. (2018). *Guide to Byzantine Historical Writing*. Cambridge University Press.
- Nicol, D. M. (1968). *The Byzantine Family of Kantakouzenos (Cantacuzenus) ca. 1100-1460: A Genealogical and Prosopographical Study*. Dumbarton Oaks.
- Nicol, D. M. (1996). *The Reluctant Emperor: A Biography of John Cantacuzene, Byzantine Emperor and Monk, c. 1295-1383*. Cambridge University Press.
- Papacostas, T. (2018). Manuscript Notes and the Black Death in Rural Cyprus. In T. Shawcross, & I. Toth (eds.), *Reading in the Byzantine Empire and Beyond* (pp. 133-154). Cambridge University Press.
- Parisot, V. (1845). *Cantacuzène, homme d'état et historien*. Chez Joubert, Libraire.
- Reinsch, D. R. (2006). Byzantine Adaptations of Thucydides. In A. Rengakos, & A. Tsakmakis (eds.), *Brill's Companion to Thucydides* (pp. 755-778). Brill.
- Schopen, L. (ed.). (1830). *Nicephori Gregorae Byzantina Historia Graece et Latine* (vol. 2). Impensis Ed. Weberi.
- Schopen, L. (ed.). (1832). *Ioannis Cantacuzeni Eximperatoris Historiarum Libri IV Graece et Latine* (vol. 3). Impensis Ed. Weberi.
- Scott, R. (2010). Text and Context in Byzantine Historiography. In L. James (ed.), *A Companion to Byzantium* (pp. 251-262). Wiley-Blackwell.
- Tsiamis, C., Poulakou-Rebelakou, E., Tsakris, A., & Petridou, E. (2011). Epidemic Waves of the Black Death in the Byzantine Empire (1347-1453 AD). *Le Infezioni in Medicina*, 3, pp. 194-201. http://www.infezmed.it/media/journal/Vol_19_3_2011_10.pdf

Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades reúne dezasseis estudos que, sobre distintas épocas, analisam a capacidade de reagir, resistir e superar as diversas enfermidades que acompanham o desenvolvimento das sociedades humanas. Além do contributo para o conhecimento da influência de pestes e epidemias na cultura e na sociedade, os estudos coligidos neste Volume permitem uma reflexão interdisciplinar do entendimento humano acerca das causas e consequências desses surtos. Nos vários domínios das Humanidades, das narrativas às criações mais artísticas, há, de facto, um imenso legado cultural que importa continuar a estudar.

